

Notas metodológicas: por uma etnografia urbana dos quadrinhos

MARINA CAVALCANTE VIEIRA*

Resumo

Como realizar uma etnografia urbana das cidades das histórias em quadrinhos e quais as potencialidades deste tipo de pesquisa? Este artigo tem como foco a discussão acerca do uso do método etnográfico para a análise de histórias em quadrinhos. As reflexões aqui expostas são atualizações do capítulo introdutório da pesquisa dissertativa *Visões da Modernidade nas Histórias em Quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930* que teve como objetivo analisar as cidades do Super-Homem e Batman em seus contextos de criação. A questão metodológica mais imediata ao buscar uma análise etnográfica da representação urbana nos quadrinhos é a de como conceituar o objeto de estudo e o campo de pesquisa. A partir de um diálogo com outras abordagens não tradicionais – como a etnografia de arquivos históricos e a etnografia em espaços virtuais – é que se propõe o uso da etnografia para os quadrinhos. Este artigo demonstra a riqueza e potencial dos quadrinhos como objeto de pesquisa para as ciências sociais evidenciando novas possibilidades de abordagem metodológica.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Etnografia; Gotham City; Metrópolis.

Abstract

How to conceive the ethnography of comics and which are the potentialities of this type of analysis? This paper focuses on the use of the ethnographic method for the analysis of comics. The arguments that follows are based on the introductory chapter of my M.A. Thesis in Social Sciences – titled *Visions of Modernity in Comics: Gotham and Metropolis in the late 1930s* – which aimed to analyze the cities of Superman and Batman in their contexts of creation. The most imperative methodological issue when willing for an ethnographic analysis of comics is how to conceive the field work and object. Through a dialogue with other non-traditional approaches – such as the ethnography of historical archives and ethnography in virtual spaces – is that we propose the use of ethnography for comics. This paper demonstrates the richness and potential of comics as an object of research for social sciences demonstrating new possibilities for methodological approach.

Key words: Comics; Ethnography; Gotham City; Metropolis.

* **MARINA CAVALCANTE VIEIRA** é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a possibilidade metodológica de uma análise etnográfica da representação urbana na literatura em quadrinhos. Esta discussão faz parte de minha dissertação de mestrado intitulada *Visões da Modernidade nas Histórias em Quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ).

A referida pesquisa de mestrado teve como objetivo a reflexão acerca da produção do imaginário urbano e sua representação nas histórias de quadrinhos. O referencial empírico de análise direcionou-se para os quadrinhos do Batman e Super-Homem publicados originalmente nos Estados Unidos ao longo das décadas de 1930 e 1940. Por meio da análise etnográfica dos quadrinhos buscou-se compreender as correlações entre as distintas concepções urbanas que permearam as teorias urbanísticas da referida época traçando um diálogo entre cidades e Modernidade, super-heróis e individualismo, e entre as teorias da Escola de Chicago sobre crime, migração e delinquência e a representação destas questões nos quadrinhos do Batman e Super-Homem. Este artigo não apresenta estes dados da pesquisa dissertativa, mas é antes uma reflexão sobre o método utilizado para chegar até eles, explicitando ao leitor o tratamento dado ao tema e traçando pontes entre a antropologia e sociologia urbana.

O questionamento principal que fundamenta esta discussão é o de como realizar uma análise etnográfica dos quadrinhos. Se a abordagem fosse comum talvez explicitar o método não

fosse tão necessário, mas dado o caráter um tanto quanto inovador da pesquisa a discussão do método se mostra imprescindível, já que geralmente os pesquisadores em congressos científicos costumam ficar curiosos e mesmo levantar as sobrancelhas quando se fala sobre uma etnografia dos quadrinhos.

Este enfoque, pouco usual na tradição da antropologia e sociologia urbana, traz para a discussão alguns problemas metodológicos que a própria temática da pesquisa engendra. A questão metodológica mais imediata ao buscar uma análise etnográfica da representação urbana nos quadrinhos é a de como conceituar o objeto de estudo e o campo de pesquisa. Essa discussão ganha centralidade na presente abordagem.

As histórias em quadrinhos como objeto de análise etnográfica

Duas histórias em quadrinhos são aqui definidas como objeto de pesquisa: os quadrinhos do Super-Homem, que fazem sua estréia nos quadrinhos em junho de 1938, editado pela revista *Action Comics*, e o seu companheiro no presente estudo, Batman, que inicia sua carreira ficcional em maio do ano seguinte, 1939, lançado pela revista *Detective Comics*.

Sugere-se como pressuposto que é possível falar do imaginário urbano dos anos 1930 e 1940 através de uma abordagem etnográfica das histórias em quadrinhos do Super-Homem e Batman publicadas nesse período. Outro pressuposto é o da possibilidade de estabelecer correlações entre as imagens de cidade encontradas nesses quadrinhos e as distintas concepções urbanas que permeiam as teorias urbanísticas da época.

Assim como os seus personagens, as cidades retratadas em tais histórias

ganham papel primordial na concepção e desenrolar das narrativas. Gotham City e Metrópolis são as duas cidades, que, respectivamente, ambientam as aventuras do Batman e do Super-Homem. Nascidas em finais da década de 1930, após a quebra da Bolsa de Nova York, podem ser vistas como representantes de concepções e perspectivas antagônicas face às cidades norte-americanas da época.

A Gotham City, ou cidade Gótica, representaria na interpretação aqui adotada, o caos, o pessimismo, a sombra das grandes cidades, enquanto Metrópolis configuraria a luz, o modernismo e o progressismo. Reforça esta interpretação o fato de que as histórias do Batman geralmente se passam à noite, envoltas em um clima soturno de rabiscos sombrios. Já a Metrópolis do Super-Homem geralmente é retratada nos períodos diurnos, é clara, com prédios de estilo moderno, altos e espelhados.

Por fim, adota-se também como pressuposto que tanto as cidades reais como as imaginárias são compostas por uma linguagem própria que organiza e dá sentido ao espaço. Pressupõe-se que não apenas a cidade pode ser “lida” em sua organização espacial, mas também as próprias histórias em quadrinhos, entendidas como um gênero literário linguístico e visual que utiliza tanto palavras como imagens para estabelecer a comunicação e que, portanto, são passíveis de uma leitura interpretativa visual e verbal da narrativa.

Procedimentos Metodológicos: por uma etnografia urbana das histórias em quadrinhos

A proposta de realizar uma análise etnográfica da representação urbana encontrada nos quadrinhos parece algo inédito, ou no mínimo pouco usual

quando se pensa nos temas tradicionalmente estudados pela antropologia. Essa temática constitui um objeto um tanto marginal para esta ciência.

Nessa medida, uma análise etnográfica das histórias em quadrinhos exige a explicitação de algumas questões metodológicas e esclarecimentos conceituais.

A abordagem proposta tem como base de pesquisa empírica a coleção *The Batman Chronicles*¹ e *The Superman Chronicles*², coleções que publicaram as primeiras HQ's dos referidos personagens na mesma ordem cronológica em que foram lançadas. Situando em termos metodológicos, tomam-se essas coleções como “informantes” e “campo” de pesquisa, seguindo a aceção clássica da etnografia.

Seguindo esse exercício de adequação metodológica sugere-se que a análise antropológica da representação urbana nos quadrinhos deve estar atenta ao modo de conceituar o objeto de estudo e o campo de pesquisa. Significa dizer que a análise etnográfica das histórias em quadrinhos requer a explicitação de algumas questões metodológicas e esclarecimentos conceituais.

Deve-se indicar inicialmente que a noção de “campo” de pesquisa aqui utilizada não se refere à noção clássica malinowskiana, circunscrita à ideia de um espaço geográfico delimitado para o

¹ *The Batman Chronicles Volume 1* (Finger, 2005), *The Batman Chronicles Volume 2* (Finger, 2006), *The Batman Chronicles Volume 3* (Finger, 2007a) e *The Batman Chronicles Volume 4* (Finger, 2007b).

² *The Superman Chronicles Volume 1* (Siegel, 2006), *The Superman Chronicles Volume 2* (Siegel, 2007a), *The Superman Chronicles Volume 3* (Siegel, 2007b) e *The Superman Chronicles Volume 4* (Siegel, 2008).

qual o etnógrafo se desloca com o intuito de realizar a sua pesquisa, colher entrevistas e captar a realidade de uma dada cultura.

O sentido de “campo” diz respeito a um conjunto de práticas institucionais de “deslocamento”, “aproximação” e “distanciamento”³ heurísticos, que vão desde as leituras bibliográficas sobre o tema, passando pelos relatos e diálogos com outros pesquisadores, até a intensa pesquisa interpretativa, em que as leituras das narrativas literárias e a contextualização de sua produção e de seus interlocutores serão fundamentais. Neste sentido, é necessário manter um “diário de campo” durante toda a pesquisa, bem como fazer anotações de campo para descrever o diálogo estabelecido com as leituras como forma de recordar o observado, selecionando detalhes das interpretações em cada um dos momentos do andamento da pesquisa.

Outro dado metodológico refere-se ao fato do saber antropológico (adquirido através do método etnográfico) estar comumente associado ao trabalho de campo. Entretanto, como lembram autores como Emerson Giumbelli (2002) e Fraya Frehse (2010), a etnografia não se restringe à pesquisa de campo, ela é antes uma perspectiva epistemológica que não se restringe ao contato face a face com os nativos.

“Trata-se [*a etnografia*], por isso mesmo, de um modo de conhecer a realidade que impregna todas as etapas metodológicas envolvidas na

³ Utiliza-se estas noções não no sentido espacial, mas no sentido do exercício intelectual de interiorização, apreensão e tradução cultural. Clifford Geertz (2001) faz uma reflexão interessante sobre a noção de distanciamento conforme usada aqui. Ver: GEERTZ, Clifford. “O pensamento como ato moral”. In: *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 44.

realização de uma pesquisa antropológica. Perpassa a formulação da questão teórica, a definição do objeto, do cenário espaço-temporal empírico de referência; envolve a construção da referência metodológica, o levantamento, a sistematização e análise dos dados e a redação do texto monográfico.” (Frehse, 2010)

É esta postura metodológica que se adota para viabilizar a abordagem aqui proposta.

O conhecimento etnográfico requer uma construção teórica que permita a construção do objeto, delinieie seu recorte, auxilie o trabalho de campo e a sistematização da análise “em gabinete”. Deve-se lembrar que a pesquisa de campo tornou-se, equivocadamente, sinônimo de etnografia devido ao modelo etnográfico malinowskiano e funcionalista, mas esta ênfase no trabalho de campo acaba levando ao abandono de outras técnicas, valiosas para a construção etnográfica (Giumbelli, 2002; Cunha, 2004).

Nesta direção, Giumbelli (2002) problematiza a habitual associação entre trabalho de campo e antropologia, mostrando tratar-se de uma noção hegemônica que privilegia o método do trabalho de campo ao sobrepor etnografia e trabalho de campo. Esta é uma confusão comum que despreza outras técnicas na construção do método etnográfico. O mesmo autor indica como o próprio Malinowski incluía não apenas a pesquisa de campo no trabalho etnográfico. Esta confusão estende-se, por exemplo, à associação que se faz entre etnografia, trabalho de campo e observação participante, comumente tratados como a mesma coisa.

Em oposição a esta ótica entende-se que uma construção epistemológica do

método etnográfico possibilita a compreensão da etnografia como algo “para além do trabalho de campo” (Giumbelli, 2002), além de permitir a emergência de novos campos, como, por exemplo, a literatura, o cinema, a fotografia, o arquivo, e, por que não, as histórias em quadrinhos? Tornando minhas as palavras de Giumbelli (2002; 95):

“(…) meu objetivo é fundamentar a cidadania plena das pesquisas antropológicas que não recorrem a experiências canônicas de ‘trabalho de campo’”.

Nesta linha alguns antropólogos inovam na construção de seus objetos e de sua metodologia. Rita Amaral (2010) discute o potencial etnográfico como método de pesquisa na internet, seja analisando interações em chats e redes sociais, seja analisando sítios virtuais. Olívia Maria Gomes da Cunha (2004) considera a etnografia como método para análise de arquivos, a etnografia trabalhando em pesquisas históricas, e Fraya Frehse (2010), por sua vez, constrói o seu campo de pesquisa etnográfica como a sociabilidade das ruas de São Paulo a partir de fotografias históricas, associando, dessa forma, imagem e história à pesquisa etnográfica.

Em sua análise a mesma autora considera a internet tanto como ferramenta, quanto como meio ou campo de pesquisa. Para a autora, a internet e os computadores têm a capacidade de transformar o modo como a pesquisa qualitativa tem sido feita. Representa uma nova fonte de dados e acesso a várias bibliotecas. Como campo ela coloca novas questões de como o pesquisador deve se inserir neste.

“É claro que o uso deste recurso como meio de investigação requer

discussões e algumas reelaborações de conceitos antropológicos, como por exemplo, os de ‘campo’, de ‘familiaridade com o grupo’, ‘chegar ao campo’, ‘deixar o campo’ e, principalmente, o de interação pesquisador/pesquisado” (Amaral, 2010).

A proposta de pesquisa etnográfica relativa à literatura em quadrinhos traz consigo novas questões epistemológicas, dada a impossibilidade de interação entre sujeito e objeto nos moldes clássicos da pesquisa de campo. Procura-se com a investigação formular uma análise interpretativa das imagens e imaginário das histórias em quadrinhos, uma pesquisa feita “por sobre os ombros dos nativos” (Geertz, 2001), utilizando como recurso a interpretação etnográfica que favoreça a compreensão do contexto em que estas histórias foram criadas, transformando roteiristas, desenhistas, e mesmo a cidade e seus personagens, em informantes que permitam a nós pesquisadores, igualmente, “ler por sobre seus ombros”. Com certeza essa é uma análise de segunda ou terceira mão, uma leitura de leituras sobre a cidade.

Em busca de uma noção mais ampla de etnografia que não se limite ao trabalho de campo, procura-se legitimar a análise etnográfica das histórias em quadrinhos, dando voz aos personagens e às próprias cidades, transformando-as em informantes, similarmente ao que faz Olívia da Cunha (2004; 293) com relação a pesquisa em arquivos:

“(…) a interlocução é possível se as condições de produção dessas ‘vozes’ forem tomadas como objeto de análise – isto é, o fato de os arquivos terem sido constituídos, alimentados e mantidos por pessoas, grupos sociais e instituições”.

A pesquisa etnográfica de documentos e da literatura em geral têm sido tratada de forma periférica porque não possibilita a interação entre sujeito/objeto nos moldes clássicos e porque, igualmente, não permite relatos do tipo “estar lá”. O que se propõe aqui é algo relativamente novo, ou seja, é justamente fazer emergir essas vozes que permitam, por meio da leitura das falas e das imagens das histórias em quadrinhos, uma análise do imaginário urbano.

Nesse encaminhamento, o pano que fundo que recobre as questões metodológicas traz as seguintes indagações: como tratar a cidade das histórias em quadrinhos? Como fazer antropologia urbana ou etnografia urbana a partir das histórias em quadrinho? A antropologia urbana na sua emergência representou uma ampliação do campo, no sentido em que surgiu como uma subárea dos ditos “estudos de sociedades complexas” e que se apresenta como uma alternativa ao desaparecimento das sociedades ditas “tradicionais”.

Outra questão a levantar seria a da própria conceituação de antropologia urbana. Uma das definições mais aceitas é aquela dada por Magnani (2002) no artigo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. O autor aponta a existência de duas abordagens principais quando se trata das questões urbanas, uma mais holística e a outra etnográfica. As abordagens holísticas ou “de longe e de fora” seriam abordagens mais gerais sobre as cidades e que tenderiam a analisar os processos de urbanização e intervenções urbanas enquanto algo separado de seus habitantes, sem enfatizar os agentes sociais que tomam parte destes processos. Sua proposta volta-se para uma abordagem “de perto e de dentro”

capaz de enxergar a forma como as pessoas vivem no contexto urbano.

Nesta linha para Magnani (2002) a antropologia urbana seria caracterizada por uma abordagem etnográfica capaz de pensar a cidade enquanto um todo, apesar de sua abordagem se voltar prioritariamente para fenômenos urbanos específicos. Esta perspectiva enxerga a cidade de forma fragmentada, opondo-se às formulações mais clássicas como, por exemplo, à fórmula simmeliana do blasé (1997) e da indiferença como comportamentos típicos da metrópole moderna. Apesar de reconhecer, por exemplo, a presença da indiferença no meio urbano, o que interessa ao autor é destacar que existem formas múltiplas de arranjos sociais e culturais entre agentes na cidade.

Nesta ótica, a proposta que encaminho é de uma análise interpretativa das histórias em quadrinhos, que favoreça tanto a análise do imaginário urbano construído, quanto a interpretação da representação urbana além de viabilizar a análise etnográfica das práticas e usos do espaço pelas personagens destas histórias. Desta forma, propõe-se uma análise *na cidade e da cidade* ao mesmo tempo.

Referências

AMARAL, Rita. **Antropologia e internet: pesquisa e campo no meio virtual**. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.n-a-u.org/Amaral1-a.html> 27/08/2010.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo**. **Maná**. 10(2). Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FINGER, Bill, KANE, Bob e ROBINSON, Jerry. **The Batman Chronicles Volume 1**. New York: DC Comics, 2005.

_____. **The Batman Chronicles Volume 2**. New York: DC Comics, 2006.

_____. **The Batman Chronicles Volume 3**. New York: DC Comics, 2007a.

_____. **The Batman Chronicles Volume 4**. New York: DC Comics, 2007b.

FREHSE, Fraya. **Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado**. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.n-a-u.org/fraya2008.html> 27/08/2010.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do 'trabalho de campo': reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17(48), 2002.

MARNY, Jacques. **Sociologia das Histórias aos Quadrinhos**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1988.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2004.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

MUMFORD, Lewis. **Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Maná**. 14 (2): 455-475, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 1999.

SIEGEL, Jerry e SHUSTER, Joe. **The Superman Chronicles Volume 1**. New York: DC Comics, 2006.

_____. **The Superman Chronicles Volume 2**. New York: DC Comics, 2007a.

_____. **The Superman Chronicles Volume 3**. New York: DC Comics, 2007b.

_____. **The Superman Chronicles Volume 4**. New York: DC Comics, 2008.

VIANA, Nildo. **Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIEIRA, Marina Cavalcante. **Visões da Modernidade nas Histórias em Quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ.

_____. Urban Images in Comic Books: Representation of Metropolis and Gotham in the late 1930s. **The International Journal of the Image**, v. 1, p. 45-56, 2011.

Recebido em 2013-02-10

Publicado em 2013-03-11